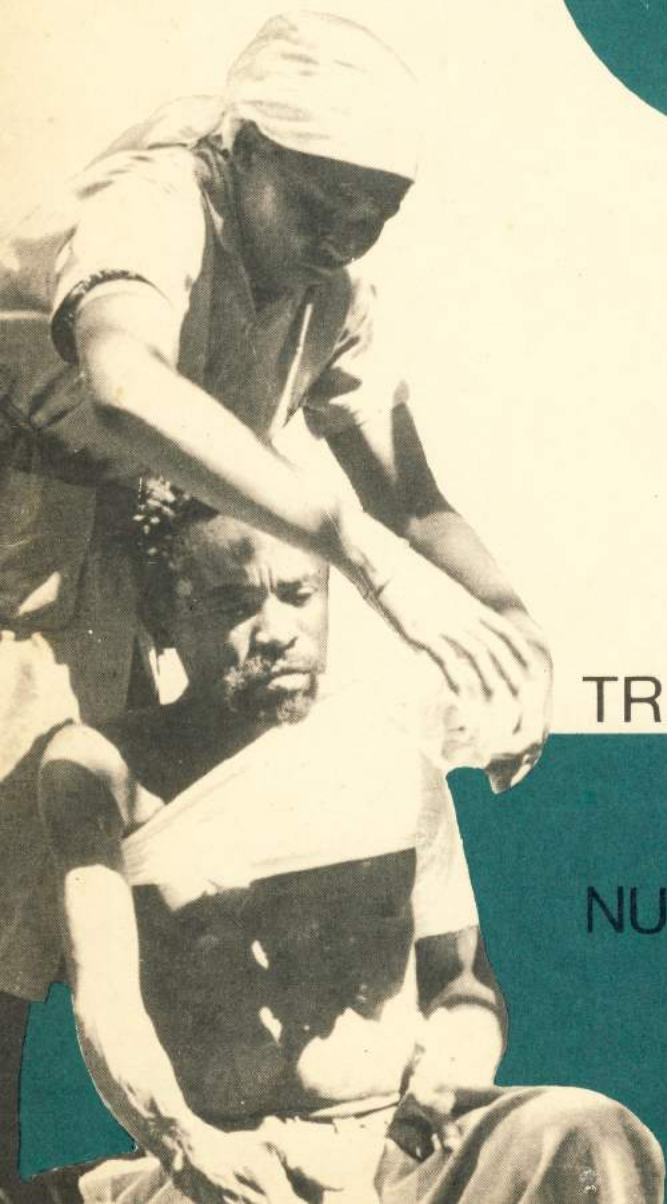


SAMORA MOISÉS MACHEL



TRANSFORMAR
O HOSPITAL
CENTRAL
NUM HOSPITAL
DO POVO

**TRANSFORMAR
O HOSPITAL CENTRAL
NUM HOSPITAL DO POVO**

INTRODUÇÃO

Em 24 de Julho de 1975, menos de um mês após a independência de Moçambique, o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Camarada Samora Moisés Machel, em nome da FRELIMO e do Governo, anunciou a nacionalização de certos sectores essenciais para a vida do nosso povo, entre eles o sector dos Serviços de Saúde.

No entanto, todos nós estávamos conscientes de que as nacionalizações, por si sós, não bastavam para colocar esses serviços ao serviço do povo. As nacionalizações eram apenas uma primeira medida — necessária e indispensável — que permitiria ao Governo destruir as estruturas desses serviços, concebidas pelo colonial-capitalismo para servir apenas os burgueses, capitalistas, e substituí-las por estruturas novas, democráticas, populares, ao serviço realmente de todo o povo trabalhador.

É neste quadro que se situa a presente ofensiva contra as estruturas e ideias velhas, reaccionárias, que dominam

ainda o Hospital Central. Esta ofensiva foi iniciada no dia 6 de Outubro de 1976 pelo Camarada Presidente, num discurso que proferiu perante mais de 1000 trabalhadores dos hospitais do Maputo.

É esse discurso que o DIP publica neste caderno nº. 11 da colecção «Estudos e Orientações».

*Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO
Maputo, Novembro de 1976*

2.^a edição: Março de 1980

«Vamos falar sobre a Saúde — a Saúde ao serviço do Povo. Se nós dissermos que vamos politizar os Serviços de Saúde, muitos dirão: politizar a medicina? Politizar os instrumentos? Mas nós vamos tentar justificar, porque é que queremos politizar a medicina. A medicina está intimamente ligada com a comunidade, intimamente ligada com a sociedade, intimamente ligada com a vida do Povo. Por isso, é preciso politizar a medicina. Sem politizar a medicina, ela vai transformar-se num instrumento perigoso para o Povo e vai lutar contra a política. Só há desenvolvimento técnico onde existe desenvolvimento político. Sem o desenvolvimento político, não é possível o desenvolvimento científico, não é possível o desenvolvimento técnico. A política é que define a via que devemos seguir; define que tipo de desenvolvimento devemos seguir; que tipo de ciência devemos desenvolver; que tipo de sociedade a ciência deve servir. Por isso nós sentimos que é uma preocupação justa que a medicina seja politizada. A medicina não existe em abstracto. Para existir a medicina, é preciso que hajam indivíduos, que hajam pessoas como as que estão aqui. Ao politizarmos as pessoas que estão aqui presentes, significa que politizamos a medicina.

Camaradas membros do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique; camaradas militantes

e combatentes da FRELIMO; camaradas militantes internacionalistas, que vêm apoiar o Povo de Moçambique; camaradas e amigos trabalhadores dos Serviços de Saúde:

Vimos aqui com um objectivo justo para que, através desta pequena reunião, possamos trocar de maneira positiva as nossas ideias; possamos traçar, com correcção, como queremos caminhar.

Vimos aqui hoje para discutirmos problemas do nosso povo, problemas da nossa Revolução, problemas da nossa vida. Achamos que é importante situarmos, desde o início, que nós vimos para discutirmos problemas da nossa Revolução, problemas do nosso povo e da nossa vida. Vimos aqui para estudar colectivamente e, em conjunto, encontrarmos soluções para questões de Saúde do nosso povo.

A saúde é indispensável para o cumprimento das nossas tarefas revolucionárias. Sem saúde não estamos em condições de cumprir a nossa tarefa, o nosso corpo não responde às exigências da luta e a colectividade é prejudicada.

Sem saúde, o camponês não está em condições de se engajar na criação das aldeias comunais e no aumento da produção agrícola, base do desenvolvimento do nosso país.

O operário doente não dará a sua contribuição para o desenvolvimento da indústria, factor dinamizador da nossa economia.

Sem saúde, o soldado não pode cumprir a sua missão, não pode assegurar a defesa das conquistas da Revolução, a defesa do território e a consolidação do poder democrático popular.

Sem saúde o estudante não será capaz de estudar e acumular conhecimentos que lhe permitam servir melhor o nosso povo.

Por isso dizemos que a saúde é um CAPITAL REVOLUCIONÁRIO que deve ser conservado para servir a luta.

Lutar pela saúde das massas populares é uma das preocupações centrais da FRELIMO, que se inscreve na perspectiva de servirmos as massas na frente do combate da saúde.

Hoje reunimo-nos aqui para estudar um aspecto específico da problemática da saúde, que é o do Hospital Central do Maputo.

E alguns então perguntarão: porquê o Hospital Central do Maputo e não outro?

Diremos que a introdução do Ministro da Saúde definiu e colocou o Hospital Central do Maputo no seu verdadeiro lugar, na sua dimensão histórica, na sua estrutura adequada, em relação ao nosso povo; em relação a todos aqueles que trabalham no Hospital Central do Maputo. E responderemos ainda a esses:

Porque o Hospital Central do Maputo é o nosso Hospital Nacional, o único Hospital estruturado e organizado para servir todo o povo do Rovuma ao Maputo. Ao Hospital Central acorrem diariamente milhares de pessoas, vindas de todas as regiões do país. Por isso, o seu funcionamento afecta directamente todo o nosso povo.

Em segundo lugar, porque o Hospital Central do Maputo constitui o maior centro de treino e de formação de quadros da Saúde — tanto de quadros médicos, como de quadros paramédicos. Todos os estudantes de Medicina e cerca de metade dos estudantes dos cursos paramédicos do nosso país, ali estudam. E é ali onde devem adquirir a consciência de servir o povo. Eles são produtores. Não têm estação. Enquanto que os camponeses esperam a estação das chuvas, os trabalhadores da Saúde são produtores permanentes, são camponeses sem estação.

Do funcionamento do Hospital Central depende a formação política e técnica desses quadros que posteriormente serão distribuídos pelo País. E, portanto, nós consideramos o Hospital Central do Maputo o reservatório de quadros. Além da sua acção como Hospital, é um labora-

ratório onde são purificadas as novas ideias de servir o povo.

É no Hospital Central onde devemos adquirir os bons hábitos, as regras científicas, as regras mais desenvolvidas. Portanto, se nos negligenciarmos na formação desses quadros, significa que em vez de distribuímos quadros, pelo País, distribuímos parasitas que irão destruir o nosso Povo. Por isso pensamos que a tarefa que o Hospital Central tem de formar quadros, é uma tarefa exaltante, embora particularmente seja difícil e dura. É através da formação desses quadros que destruiremos, no nosso País, os parasitas e as doenças. Só através da formação desses quadros nós revigoraremos a vida e saúde do nosso Povo; diminuiremos a mortalidade que vitima as crianças. Por isso, é necessário que os quadros que são formados no Hospital Central sejam difusores de hábitos higiénicos, científicos e desenvolvidos. É por isso que nós temos essa preocupação em relação ao Hospital Central.

É ainda porque, o Hospital Central, influencia decisivamente, agora e no futuro, o nosso combate na frente da Saúde, que a Direcção da FRELIMO tem seguido com atenção a evolução do Hospital; é por isso que nós hoje convocamos esta reunião.

Podemos pois sintetizar os objectivos da nossa reunião de hoje, dizendo que a nossa reunião se destina a estudar como transformar o Hospital Central do Maputo, num verdadeiro Hospital ao serviço do Povo.

Se os meus amigos têm outras preocupações, as nossas são estas.

*HOSPITAL CENTRAL:
O QUE ERA; O QUE É.
PERSPECTIVAS PARA O FUTURO*

O Hospital Central: O que era; O que é; O que nós queremos que seja. Quais os nossos objectivos, as nossas perspectivas em relação ao Hospital?

Para definirmos correctamente como transformar o Hospital Central do Maputo num Hospital de tipo novo, num Hospital inteiramente ao serviço das largas massas laboriosas, importa analisarmos como evoluiu até agora.

O Hospital Central do Maputo resulta da fusão, a partir de Outubro de 1974, do Hospital Central Miguel Bombarda e do Hospital da Universidade.

O Hospital Miguel Bombarda, criado há dezenas de anos, era um instrumento concebido para servir o sistema de dominação colonial-fascista do nosso povo. O chamado Hospital Miguel Bombarda era na realidade, nas suas características fundamentais, um centro de discriminação racial e social. No Hospital havia várias categorias ou classes que correspondiam à estrutura sócio-racial do colonial-capitalismo, passando desde o colonialista branco ao «assimilado», até ao «indígena». É neste contexto que surgiam as Enfermarias de 1.^a e 2.^a classes; os quartos particulares; a maternidade indígena, bancos de socorros um pouco diferenciados, etc. Esta discriminação racial fazia-se sentir não só em relação aos doentes, como também entre os próprios trabalhadores.

Um centro de maus tratos e de humilhação do nosso povo — no Hospital existia um desinteresse total pelo doente pobre, que se manifestava na atitude como ele era observado pelo médico ou pelo enfermeiro, na falta de higiene das próprias instalações, no liberalismo e na total ausência de disciplina entre os trabalhadores. No Hospital o nosso povo era usado como cobaia, para se experimentarem novos medicamentos e certas operações que, caso dessem resultado, eram posteriormente aplicados aos burgueses nas clínicas e consultórios particulares.

Um centro de exploração capitalista desenfreada — Para além da assistência precária, o doente era tratado de acordo com as suas possibilidades económicas. No Hospital capitalista, o tipo de tratamento não dependia da gravidade da doença.

«Senhor fulano, o que é que tem?» — Não tenho nada.

«Sobre bens, o que é que tem?» — Não tenho senão a doença que apresento agora. «Então espere um pouco».

Isto não era o médico nem o enfermeiro, era o sistema. Por isso nós dizemos ao serviço do povo. Não é por causa da raça ou da cor. É o sistema que orienta esta atitude.

O Hospital era um centro de roubo, imoralidade, liberalismo, confusão, anarquia, indisciplina, em suma, um centro de corrupção política, ideológica, material.

ESTRUTURA DO HOSPITAL E SEU FUNCIONAMENTO

Como é que a estrutura do Hospital Miguel Bombarda se reflectia no seu funcionamento?

As estruturas do Hospital Miguel Bombarda tal como todas as estruturas do aparelho colonial, eram:

Primeiramente: estruturas rígidas, individualistas e burocráticas;

Dois: estruturas que inibiam a iniciativa e impediam a participação dos trabalhadores na vida do Hospital. O poder era absoluto e centralizado;

Em terceiro lugar: estruturas que alienavam os trabalhadores, fazendo deles seres irresponsáveis. Onde há irresponsabilidade encontra-se também a infantilidade. E as consequências são desastrosas;

Quarto: estruturas que favoreciam a actuação de elementos desonestos e corruptos, que faziam da doença dos outros uma mina para se enriquecerem.

Eram essas estruturas que permitiam que os trabalhadores do Hospital pudessem trabalhar ao mesmo tempo nos consultórios e clínicas particulares, onde adquiriam um espírito mercenário (gosto pelo dinheiro) e lhes era inculcada com mais intensidade a mentalidade burguesa.

Os Serviços de Saúde, em todo o mundo, são complicados. Em todo o mundo são as estruturas mais resistentes: uma resistência intensa. Recordo-me que em toda a parte

onde houve revolução, a última a ser feita foi no hospital. Nós queremos provar que podemos começar pelo hospital. Queremos começar pelo Hospital e vamos triunfar. Se triunfamos contra o colonialismo, um inimigo mais organizado, não vamos triunfar ao nível do Hospital? Qual será a razão do nosso fracasso, ao nível do Hospital?

A engrenagem no Hospital Miguel Bombarda impossibilitava, totalmente, a acção dos trabalhadores honestos. O modo de distribuição de tarefas e de responsabilidades, os métodos de trabalho ali aplicados, tudo isso conduzia o trabalhador a alienar-se dos seus deveres para com os doentes e a adquirir, progressivamente, uma mentalidade burguesa, um desejo cada vez mais nítido de copiar o colonizador.

O padrão para ele é o colonizador. Para se considerar mais civilizado, mais evoluído, tem que copiar mecanicamente tudo o que faz o colonizador. Saber copiar é que era ser evoluído.

Em suma: o Hospital Miguel Bombarda era um Hospital de fachada, que jamais serviu o nosso povo, um centro de difusão da ideologia e da mentalidade burguesa, um centro de alienação dos trabalhadores da Saúde.

O Hospital da Universidade era um Hospital de elite, cuja criação, há cerca de dez anos, veio apenas contribuir para acentuar o divisionismo, quer entre os doentes quer entre os trabalhadores da Saúde. Porquê?

Porque onde há divisão existe uma base, um baluarte do inimigo. Quando os trabalhadores da Saúde estão divididos, significa que ali está instalada uma base do inimigo. A nossa divisão é a força essencial do inimigo. Quando nós estamos divididos, facilmente somos devorados pelas calamidades naturais. Por isso, a nossa preocupação central é criar aqui uma unidade real: no pensamento, na forma e no espírito;

Porque o Hospital da Universidade era para os doentes mais «evoluídos», enquanto o Hospital Miguel Bom-

barda era para o «pé-descalço», o qual só tinha entrada no Hospital da Universidade quando apresentava uma doença «rara» ou «curiosa», considerada com interesse para os senhores doutores da Universidade;

Porque os trabalhadores do Hospital da Universidade tinham salários mais altos que os trabalhadores do Hospital Miguel Bombarda, o que conduzia a um espírito de elitismo pela parte dos primeiros.

Esta era a situação que viemos encontrar quando, em Setembro de 1974, tomou posse o Governo de Transição. E o que é que nós fizemos para corrigir essa situação?

Em primeiro lugar nós determinámos a fusão dos dois Hospitais num único Hospital Central, como forma de luta contra o divisionismo, contra a discriminação. Um era para os «macacos», outro era para «as pessoas».

Em segundo lugar, nós desencadeámos o combate pela eliminação dos maus tratos, da humilhação sócio-racial a que estava sujeito o nosso povo trabalhador. Acabámos com as enfermarias de 1.^a e 2.^a classes. Acabámos com a Maternidade Indígena.

Tudo isto foram conquistas. Como consolidá-las? Foram combates sucessivos, para ganharmos essas vitórias. Houve fracassos no percurso desses combates. Houve sacrifícios. Gostaríamos que os camaradas, os amigos e os senhores, considerassem estas transformações como conquistas do Povo Moçambicano, na sua justa luta contra a dominação estrangeira. Essas conquistas não caíram do céu; não houve milagres. Foi preciso o nosso Povo aceitar sacrifícios; consentir os mais altos sacrifícios, incluindo a própria vida. Nós ganhamos então essa transformação. Importa agora consolidar essas vitórias. Como consolidar uma vitória? Depende do engajamento do pessoal da Saúde.

Para isso é necessário que o pessoal da Saúde determine e considere como uma vitória o que já fizeram: fusão

do Hospital, eliminação de certas enfermarias que discriminavam, eliminação das maternidades indígenas, europeias e outras. Considerar tudo isto como conquistas e vitórias. Agora é preciso que se tome em consideração que se terá de travar, de novo, um combate para a sua consolidação. Sem um combate não haverá consolidação; sem sacrifícios não haverá vitórias. E para isso é preciso aceitarmos de novo o combate. E o combate exige o abandono completo do conforto. Onde há guerra não há conforto. E o nosso povo trava agora uma guerra para consolidar as suas vitórias. Portanto, não nos podemos dar agora ao luxo. É preciso, pois, que todo o pessoal da Saúde aceite e se engaje, conscientemente, no combate que o nosso Povo continua a travar para consolidar a sua vitória. Sem um combate não haverá vitória; sem sacrifícios não haverá combate, nem haverá vitória. Seremos sempre dominados e espezinhados.

Em terceiro lugar, nós iniciámos a mobilização política dos trabalhadores para que estes, de forma organizada, contribuíssem para a transformação das estruturas e das mentalidades no Hospital. Mas confessemos, também, que não houve engajamento consciente, houve emoção. Não houve estudo. Um combate sem planificação está sujeito a fracassos; uma luta sem direcção sem organização, sem objectivos, sem metas, está condenada ao fracasso e à destruição total. É por isso que não temos sucessos no hospital. Os nossos sucessos são esporádicos. Não provêm de um combate organizado. Por isso não sabemos por onde começar a consolidação dessas vitórias.

Mas nós tínhamos consciência de que isso não bastava para transformar e fazer do Hospital Central um Hospital da FRELIMO, um Hospital ao serviço do Povo, um Hospital da FRELIMO.

O Hospital era uma peça fundamental, é certo, mas uma peça do sistema de saúde criado pelo colonial-capitalismo.

E nós analisámos o assunto e concluímos: para transformar este Hospital e outros Hospitais é necessário atacar e escangalhar todo o sistema de Saúde criado pelos colonialistas. É por isso que alguns foram tomados de surpresa e como não tinham consciência disso, as nacionalizações para eles foram más. Não houve um estudo completo e profundo e um debate sobre o que são as nacionalizações. São conquistas do Povo para pôr o serviço da Saúde ao seu serviço. Mas vão-se transformar em fracassos, em derrotas, porque não houve um debate que permitisse um maior engajamento.

*AS NACIONALIZAÇÕES
NO SECTOR DA SAÚDE
E O HOSPITAL CENTRAL*

Por isso, após a Proclamação da Independência, o Governo decidiu nacionalizar o sector da Saúde. Porquê as nacionalizações no Sector da Saúde?

Primeiro: Pôr a Saúde ao serviço das massas;

Segundo: Popularizar a Saúde, pondo os ricos e os pobres em pé de igualdade; não há vida mais preciosa e outra menos preciosa, são todos seres humanos.

Terceiro: Democratizar a assistência médica;

Quarto: Liquidar o espírito mercenário, largamente difundido no seio dos trabalhadores da Saúde;

Quinto: Liquidar a exploração do homem na base do seu sofrimento;

Sexto: Fazer com que a doença dos outros deixe de ser necessidade para certa gente viver;

Sétimo: Desfechar um golpe na especulação sobre a saúde e nos privilégios abusivos auferidos como consequência dessa especulação;

Oitavo: Atacar a mentalidade individualista e liberal do pessoal da Saúde, que perde o estatuto de trabalhador dito independente — profissão liberal.

Qual foi a reacção do povo às nacionalizações? O Povo é o nosso termómetro. Esse termómetro é que indica quando estamos correctos e errados. Não é um grupo.

Por isso analisemos em primeiro lugar, qual foi a reacção do Povo às nacionalizações. Então diremos se estamos correctos ou errados, conforme a sua reacção. Qual foi então a reacção do Povo? Qual foi a vossa reacção? Somos parte integrante do Povo.

Observámos entusiasmo espontâneo e generalizado; observámos adesão e apoio activo às nacionalizações, amplamente confirmado pelo extraordinário aumento do afluxo de doentes aos hospitais. Isto, depois das nacionalizações. Pessoal da Saúde: o que se fez depois para integrar este grande afluxo aos hospitais? Como vamos responder? Quem é que não apoiou as nacionalizações? Não estamos a dizer que seja inimigo. Só estamos a perguntar quem é que não apoiou as nacionalizações?

QUAL FOI A REACÇÃO DO INIMIGO ÀS NACIONALIZAÇÕES

O inimigo, desde há muito que vinha desenvolvendo actividades subversivas no Hospital Central. O que fez depois das nacionalizações, foi intensificar essa acção. E como se caracterizou então essa acção?

Denegrir e desvirtuar as nacionalizações, foi a primeira reacção do inimigo. Existia e existe ainda, descontentamento entre os trabalhadores que vieram dos sectores nacionalizados (consultórios e clínicas privadas) porque, devido às nacionalizações, segundo pensam, passaram a trabalhar mais e a ganhar menos. Eu penso que a preocupação de um médico, realmente, é tratar o doente. Porque um médico é um cientista. O seu orgulho, o segredo da sua profissão, é desenvolver constantemente os seus conhecimentos. O inimigo aproveitou esses descontentes para os mobilizar contra a FRELIMO, contra o

Governo e contra o Povo. Nesta altura, o inimigo ajuda-nos muito.

Nós vimos que as nacionalizações foram apoiadas pelo Povo de forma activa. Agora, o inimigo quer mobilizar o Povo para atacar as suas conquistas. É correcto? Mobilizar os meus braços para atacar os meus olhos; mobilizar as minhas pernas para ir contra a minha cabeça, é possível? Mas, infelizmente, havia um grupo de descontentes.

E o que aconteceu entre esses descontentes?

Os descontentes são o centro de recrutamento da reacção. Quando a reacção quer recrutar, vai aos descontentes. Eles formam a base constante e permanente para o recrutamento da reacção. Se há descontentes no seio dos trabalhadores da Saúde, significa que há aqui um centro para a reacção recrutar. Existem descontentes? Se existem serão recrutados pelo inimigo. Um descontente é uma base do inimigo; um descontente é um foco. Em si já constitui uma vitória do inimigo. Por isso, a reacção aproveitou uma base, um centro que estava já formado e apenas teve que recrutar. Aproveitou as situações de desigualdade existentes entre os trabalhadores, sobretudo a desigualdade salarial, para lançar a divisão e a confusão no seu seio; aproveitou a persistência de estruturas coloniais, de esquemas mentais retrógrados e as insuficiências das nossas estruturas políticas, para fomentar a indisciplina, a desorganização, o liberalismo, o roubo. Aproveitou a corrupção que já existia; aproveitou o boato e a intriga que já existiam ao nível do hospital contra a FRELIMO, contra o Governo.

E porque é que o inimigo fez isto?

Foi ele que nos formou. Todos aqui fomos formados pelo inimigo. Portanto, ele conhece os nossos pontos fortes e fracos. Sabe o que deve estimular em cada um de nós. Foi ele que nos formou. Então o que é que fez?

Como nos conhece, veio tocar na pedra angular que é: as diferenças salariais; que é a questão material. O inimigo

veio simplesmente estimular os nossos apetites e ali recrutou. Recrutar é muito fácil. Basta conhecer as fraquezas, os pontos fracos, e a partir daí desencadear a acção. Foi o que fez o inimigo.

A REACÇÃO ÀS NACIONALIZAÇÕES COMEÇOU NO HOSPITAL CENTRAL

Quais as consequências da acção inimiga no Hospital Central?

Primeiro: o Hospital transformou-se em centro de boato e intriga. Centro de reacção;

Segundo: o Hospital transformou-se num centro de desmobilização do nosso povo. Porquê? Porque é que o inimigo escolheu o Hospital?

Porque o povo é vítima de desinteresse da parte do pessoal, porque existem maus tratos, porque existe lentidão deliberadamente provocada, porque há falta de higiene, porque há sabotagem de material.

O Hospital transformou-se em centro de calúnias contra os camaradas estrangeiros.

OBJECTIVOS DA ACÇÃO INIMIGA

Em primeiro lugar, é tentar mostrar que a nacionalização é má e a medicina privada é boa;

Segundo, é desmobilizar e desmoralizar as massas, criar descontentamentos, a partir do justo ressentimento contra o mau funcionamento dum serviço essencial à vida e à sociedade;

Terceiro, é criar hostilidade contra as nacionalizações em geral e contra a FRELIMO e o Governo em particular.

SITUAÇÃO ACTUAL

Por isso, quando seria natural que as coisas estivessem a correr bem para o nosso povo, a nível do Hospital Cen-

tral, nós começámos a ouvir críticas das massas. Quais são essas críticas?

No Hospital há pessoal que deliberadamente faz sofrer o povo, quer nas bichas das consultas, quer no Banco de Socorros, quer nas enfermarias;

No Hospital existe desinteresse generalizado pelo doente, como pessoa. O doente é visto e tratado como um objecto e não como um ser humano dotado de sentimentos;

No Hospital há falta de higiene e de organização;

No Hospital, muitas vezes, os doentes chamam pelo pessoal da Saúde durante horas, sem serem atendidos.

AS CRÍTICAS DAS MASSAS SÃO CORRECTAS E JUSTAS

Sensibilizados pelas críticas das massas, nós visitámos mais de uma vez o Hospital. O que é que lá encontramos? O que constatámos durante as nossas visitas? Constatámos o seguinte:

Que a falta de higiene é um facto tanto das instalações como até de alguns elementos entre o pessoal. Vimos trabalhadores com farda amarrotada e suja, com cabelos e barbas enormes e desgrenhados e dizem que são revolucionários;

Encontrámos falta de organização em algumas enfermarias. Incrível. Tudo espalhado. Lençóis misturados com bacias, pratos na casa de banho e as caras de alguns como se fossem uma banha de porco. E assim está diante dos doentes, a tratá-los e a distribuir medicamentos;

Observámos ainda indisciplina, liberalismo e desmazelo demais. Não nos deu a impressão de estarmos num Hospital.

Quando observámos isso, encarregámos as estruturas competentes do Partido e do Governo para estudarem a situação no Hospital. Quais foram as informações que recebemos?

Constatámos que as críticas do povo são correctas e justas. Nós perguntámos porque é que o pessoal da Saúde está desta maneira? Sentimos que havia crise de autoridade. Alguns elementos põem em causa a autoridade no hospital. Quem são?

São aqueles que utilizam o racismo. Pensam que, com a saída dos colonialistas, deviam ter sido nomeados para substituí-los. Alguns pretos que eram da PIDE, aqui no Hospital, quando são repreendidos por um responsável de cor branca, correm imediatamente a dizer: «seu colonialista». Para ele colonialista é a cor. «Seu fascista». Saberá ele o que é o fascismo? Ontem serviu fielmente o fascismo, era um dos informadores lá do Hospital, denunciava os elementos mais activos contra o colonialismo. E hoje é um grande «revolucionário». E nós diremos o que eles são realmente. Grandes oportunistas e reaccionários é o que eles são. Mas através do seu comportamento, desmascaram-se ao mesmo tempo. É uma questão de prestarmos um pouco de atenção, acompanhar o seu comportamento quotidiano. Por isso, encontrámos essas questões de liberalismo e indisciplina, de corrupção, falta de interesse e desmazelo; é por isso que nós encarregámos as estruturas competentes, ao nível do Partido e ao nível do Governo. E as informações que recebemos é que as críticas que são feitas pelo Povo, em relação ao Hospital Central do Maputo, são correctas e justas.

RACISMO, OPORTUNISMO E RESISTÊNCIA À TRANSFORMAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

No Hospital reina o espírito de resistência e de conservadorismo, o espírito de rotina, o espírito burocrático que dificulta as transformações. A revolução significa transformar radicalmente a sociedade. Não é simples substituição. Porque ali havia director branco, vamos

pôr um director preto? Isso é revolução? Ali havia um encarregado branco, vamos pôr um preto? É essa a revolução que querem? Isso é racismo; é «apartheid». No Hospital reina portanto esse espírito de resistência contra as estruturas, contra as transformações. Muitos são pela via fácil da substituição. Via fácil significa preguiça mental; recusam caminhar; recusam pôr a cabeça a funcionar. Nós chamamos a isso preguiça mental.

Os trabalhadores do Hospital mostram-se pouco sensíveis ao sofrimento humano e manifestam frequentemente um espírito fatalista em relação à morte dos doentes; não existe o hábito de se discutir colectivamente a morte dos outros doentes, para se tentar descobrir se essa morte tem qualquer relação com o funcionamento deficiente do Hospital.

*CAUSAS DA SITUAÇÃO:
FALTA DE COMBATE
ÀS ESTRUTURAS CAPITALISTAS*

Quais as causas desta situação?

A resposta é esta:

Não fomos capazes de engajar o combate para liquidar as estruturas que tinham sido concebidas para servir o colonialismo.

Devemos compreender que não podemos fazer nada com aquilo que foi deixado e concebido pelo colonialismo como seu instrumento de opressão e exploração, por mais que o embelezemos.

Se tivermos duas garrafas, uma branca e outra preta e na branca existir vinho, tirando esse vinho para a garrafa preta, será que diremos que já não existe vinho, só porque não se pode vê-lo? O que importa não é a forma que a garrafa tinha, o que importa é o conteúdo. Escan-

galhar estruturas significa dar novo conteúdo. A forma não é importante, o conteúdo é que é. Por isso dizemos que as estruturas tinham sido concebidas para oprimir, para explorar. As estruturas constituíam instrumentos fundamentais para o colonialismo realizar a sua tarefa. Por isso não podemos dizer que algumas estruturas são boas. Todas elas tinham os seus objectivos. Como é que se pode adaptar aos objectivos populares, uma estrutura concebida para exploração? Como é que se vão reconciliar as duas estruturas? Não há reconciliação possível. O que há é combate entre elas; é a luta entre o velho e o novo. E o novo deve triunfar.

Portanto, as estruturas coloniais persistem. Aqui está o nosso erro. Não desferimos um golpe mortal contra essas estruturas. O que existe agora são apenas modificações e transferência de pessoas. Mas sempre dentro das estruturas concebidas pelo colonialismo. De maneira que temos de ir primeiro à estrutura. A essência, a contradição fundamental e antagónica, está na estrutura. A nossa estrutura é para servir largamente as massas e a estrutura colonial era para servir o colonialismo, para oprimir e explorar. Representava, portanto, o poder colonial, enquanto que a nossa deve representar o poder popular.

Encontrámos ainda mentalidades conservadoras, que resistem a esta transformação. Recusam as mudanças. E aí há que intervir. A estrutura administrativa tem que intervir. A estrutura administrativa é um instrumento da estrutura política.

MÉTODOS DE TRABALHO INCORRECTOS

Encontrámos também métodos de trabalho incorrectos. São incorrectos em relação às nossas estruturas. E dizemos que os métodos de trabalho são incorrectos em relação às nossas estruturas, porque em relação às estru-

turas coloniais eram métodos correctos. Parece que é esta a dificuldade que devemos remover.

Além disso, encontrámos agentes do inimigo infiltrados no nosso seio — presença física do inimigo no Hospital. Não há «pides» lá no Hospital? Porque é que não os denunciámos? São esses que dificultam e representam o inimigo lá no Hospital. Como se manifesta essa presença do inimigo ou dos agentes infiltrados?

Manifesta-se através dos boatos. Esses agentes têm uma tarefa específica: fomentar boatos; fomentar intrigas; fomentar a calúnia; fomentar e desenvolver o racismo. O racismo é um instrumento dos oportunistas. O seu instrumento precioso é o racismo. Como não podem desenvolver o tribalismo e o regionalismo num Hospital Nacional, utilizam o racismo. Vão dizer que também não existe o racismo?

Vamos lutar contra isso; vamos escangalhar tudo isso. É uma questão de traçarmos correctamente a forma de combater o racismo. A um camarada, a um amigo, critica-se. Mas a um inimigo o que é que se faz? Faz-se crítica também ao inimigo? Não! Contra o inimigo utilizamos a violência — característica revolucionária. Em relação ao inimigo utilizamos a violência; a um amigo ou camarada, fazemos a crítica. Temos a mesma linguagem. Ao passo que o inimigo é surdo ao nosso apelo.

Há elementos que maltratam o Povo. Não queremos dizer que sejam todos, são alguns. Mas não cabe a nós denunciá-los. Bem como a elementos cujo desleixo origina estragos de material. E aproveitam-se da nossa estrutura que é inoperante no Hospital. E, honestamente, diríamos mesmo que não existe essa estrutura. O que orienta o Hospital é a estrutura colonial.

Ouvimos as críticas das massas em relação ao Hospital Central do Maputo, visitámos o Hospital e recebemos relatórios do Partido sobre a situação do Hospital.

Que conclusões tirar?

O povo ainda não sente o Hospital Central do Maputo como seu Hospital; que esse Hospital foi feito para o servir;

Até agora não soubemos valorizar devidamente as nacionalizações a nível do Hospital Central;

Não soubemos escangalhar as estruturas coloniais do Hospital, as quais continuam a resistir e funcionar como obstáculo à transformação, nem fomos capazes de criar novas estruturas que permitam a instituição de uma disciplina de tipo novo, sobretudo ao nível das relações humanas. Existem antagonismos ao nível do pessoal do Hospital. E como não existem estruturas de tipo novo, para enquadramento, não existem também relações de tipo novo. O Hospital está intacto como foi deixado pelo colonialismo. Não quebraram as barreiras que vos dividiam.

Não fizemos o trabalho para abalar o espírito de privilégio e de elite nem para destruir a vocação capitalista dos trabalhadores da Saúde;

Não fizemos o trabalho para mobilizar, organizar e unir politicamente as diferentes categorias do pessoal do Hospital.

Não soubemos ou não conseguimos levar o povo a participar no Hospital, que é seu e se destina a servi-lo. Penso que ainda existe desprezo entre vocês. «Que categoria é aquele? E aquele? Aquele é tal». Não podemos ser todos iguais. Há altos, há médios, há baixinhos. Mas não é motivo para desprezar. O médico trabalha porque tem o enfermeiro; o enfermeiro trabalha porque tem o servente; o servente trabalha porque temos a enfermaria e temos a cozinha. Porque é que vamos desprezar o cozinheiro? Quem é que alimenta o Hospital? Se nós distribuíssemos apenas medicamentos, curaríamos os nossos doentes sem dieta? Então porque vamos desprezar o cozinheiro? Está tudo ligado. É como uma viola. Na falta de uma peça, a viola é inútil. Então porque vamos desprezar aquele que toca o som mais grosso. «Ah, este não é fio».

O PROBLEMA DOS TRABALHADORES ESTRANGEIROS NO HOSPITAL CENTRAL DO MAPUTO

No Hospital Central existem actualmente várias dezenas de estrangeiros de diversas nacionalidades. Muitos outros técnicos estrangeiros estão distribuídos pelo resto do país. É importante reflectirmos sobre este ponto concreto. Os nacionais não têm estruturas de enquadramento, portanto muito menos para os estrangeiros. Vivem em Moçambique, mas não estão em Moçambique porque não há estruturas para eles.

A presença de médicos, enfermeiros e outros técnicos no nosso país, constitui uma afirmação clara da solidariedade militante do Movimento Revolucionário Mundial para com a luta do Povo Moçambicano dirigido pela FRELIMO.

A solidariedade é a afirmação de que nenhum povo está só, de que nenhum Povo está isolado na sua luta pelo progresso. A solidariedade é a aliança consciente das forças revolucionárias, progressistas e amantes da Paz na luta comum contra o colonialismo, o capitalismo e o imperialismo. Em suma, contra a exploração do homem pelo homem. E essa luta pode estar na Ásia, na Europa, na América, ou essa luta pode estar na África, mas é a mesma luta. Tem inimigos comuns e os seus inimigos são sempre principais.

A solidariedade não tem raça, não tem cor e a sua pátria não tem fronteiras. Não há solidariedade só entre Africanos, ou solidariedade exclusivamente asiática, porque o inimigo dos Povos não tem pátria, nem raça.

Existe a tendência de querer fazer da solidariedade um acto de caridade, um gesto de paternalismo. Mas na verdade, a solidariedade é uma expressão do dever internacionalista, da fraternidade e da amizade entre os povos.

A vitória do Povo moçambicano tem as suas bases na unidade e sacrifícios consentidos pelos seus filhos, em

especial durante a luta armada de libertação nacional. O que somos hoje é porque uma parte de nós deu a sua vida; o que somos hoje é porque fomos objecto da solidariedade internacional. Somos o que somos porque continuamos a ser apoiados pela solidariedade internacional.

Contudo, a ajuda internacional, a solidariedade internacional de outros Povos para com a nossa luta teve e ainda tem um papel importante no avanço da Revolução no nosso país e no Mundo em geral.

Nesta fase de Reconstrução Nacional em que nos engajamos, a República Popular de Moçambique recebe ajuda dos Países Africanos, dos Países Socialistas, nossos aliados naturais, e de Governos e Organizações Democráticas de outros Países.

Verifica-se no entanto que esta ajuda solidária, que é a continuidade da solidariedade forjada e desenvolvida durante a luta armada, ainda não foi suficientemente compreendida e muito menos assumida pela maioria dos trabalhadores da Saúde.

Sabemos, por exemplo, que tanto a Direcção do Hospital como os restantes trabalhadores não têm desenvolvido os esforços necessários para integrar os camaradas estrangeiros nos diversos aspectos da vida do Hospital e muito menos da vida do Povo moçambicano. Sabemos que os estrangeiros não participam nas reuniões políticas do Hospital. Sabemos que no Hospital Central não estamos a proceder ao engajamento dos trabalhadores estrangeiros como militantes progressistas que aqui estão a dar a sua contribuição para o avanço da nossa Revolução, mas estão somente como técnicos—mercenários encarregados de tratar uns quantos doentes e aos quais se paga determinado salário.

Em suma, não estamos a assumir plenamente o significado da solidariedade internacional. E o inimigo está a aproveitar-se das nossas insuficiências. De que maneira? O inimigo procura, essencialmente, criar contradi-

ções entre os trabalhadores moçambicanos e os trabalhadores estrangeiros.

Alguns vêm dizer e muitos aceitam: «Ah, esses estrangeiros que vêm é para ganhar dinheiro». Não há dinheiro no País deles! «Ah, esses estrangeiros que vêm aí, não sabem nada, vêm para vos matar»; Ah, esses estrangeiros que vêm aí, e que dizem que são médicos, não são nada médicos». E, assim, o inimigo encontra terreno fértil. E porque é que encontra terreno fértil?

Porque jogando com a baixa consciência política de muitos dos nossos trabalhadores, o inimigo procura apresentar o trabalhador estrangeiro, não como alguém solidário que nos vem auxiliar na dura tarefa de Reconstrução nacional, mas como um rival que nos vem privar de alguns benefícios e privilégios. O inimigo procura estabelecer comparações entre os trabalhadores estrangeiros que se encontram actualmente no nosso País e os colonialistas que abandonaram Moçambique após a tomada do Poder Político pela FRELIMO. Trata-se de comparações sob o ponto de vista técnico, ignorando deliberadamente os aspectos essenciais que são os aspectos políticos e aspectos de militância e de solidariedade.

O inimigo procura forjar todo o tipo de argumentos destinados a provar que a presença dos técnicos estrangeiros na República Popular de Moçambique é nociva para o nosso Povo, em geral, e para os trabalhadores da Saúde em particular, e que mais valia termos continuado cá com os colonialistas que já fugiram de Moçambique.

E porque é que fugiram?

Nós dizemos que confundir um médico colonialista, um explorador, com um técnico progressista, militante, é agir e caminhar de mãos dadas com os reaccionários, é contribuir para agredir frontalmente a linha política da FRELIMO.

Os técnicos estrangeiros que se encontram no nosso País e, neste caso particular, os técnicos que se encontram a trabalhar no Hospital Central do Maputo, são

«ossos companheiros de armas, são militantes da mesma causa que a nossa. Eles aceitaram deixar para plano secundário os seus problemas pessoais e vieram até nós para nos apoiar na tarefa da Reconstrução Nacional. Eles não vieram apenas como técnicos, mas sobretudo como militantes, como políticos, porque é a política que orienta a técnica. É por isso que dizemos sempre que a política deve ser colocada nos postos de comando.

Devemos pois aprender desses camaradas o exemplo da solidariedade militante e, lado a lado com eles, trabalharmos e trocarmos experiências nos planos político e técnico. Com eles devemos caminhar e sofrer juntos, nesta dura mas exaltante batalha de defender, conservar e melhorar a Saúde do nosso povo.

MEDIDAS A TOMAR

Acabámos de ver uma série de problemas. E talvez, nós não tínhamos consciência desses problemas, alguns por inconsciência, outros deliberadamente, e os últimos talvez devido ao baixo nível político.

É esta a consciência que nós devemos manter viva, permanente, durante a realização das nossas tarefas. É esta a pergunta que devemos fazer a todos nós e a nós próprios. O Hospital deve realmente ser uma conquista do Povo moçambicano.

Para isso aceitemos escangalhar as suas estruturas, que mantêm a face colonial do Hospital Central do Maputo. Não se trata de substituições, trata-se, sim, de destruir. Por isso a nossa tarefa central é dismantelar as estruturas coloniais existentes no Hospital Central e criar, em seu lugar, estruturas de tipo novo, de carácter colectivo e democrático. Isto para que se possa permitir a participação de cada um de nós; permitir que cada um de nós saiba qual o seu lugar dentro das estruturas do Hospital. E, assim, generalizaremos essa experiência ao nível dos hospitais de todo o País.

Pensamos que é esta a questão fulcral de que depende o avanço da revolução no Hospital. Aceitemos escangalhar a estrutura que nos mantém escravos. A estrutura que nos faz ser dependentes. Sempre que queremos comparar os nossos Serviços de Saúde, temos que ir buscar um modelo fora. Isso não. Façamos do nosso Hospital um Centro Piloto; um Hospital Piloto e Modelo, não é só ao nível do Maputo. Organizando politicamente o Hospital do Maputo, isso vai-nos permitir organizarmos os Hospitais a nível provincial. E uma vez os Hospitais provinciais organizados e a FRELIMO instalada, lá então teremos os hospitais distritais facilmente organizados. Para isso há que liquidar também o espírito de que há mato. Esta é uma influência colonialista; é uma mentalidade estrangeira, porque os portugueses colonialistas, quando vinham a Moçambique, vinham a África em «comissões». Por isso tinham direito a seis meses de licença, para revigorar os nervos quebrados pelo calor da África, da maldita África. E vocês, hoje, qual é a vossa maldita? Querem passar férias onde? Na metrópole? Onde é a vossa metrópole? Moçambique, a partir do dia 25 de Junho de 1975, é a nossa metrópole.

Enquanto persistirem as estruturas coloniais, que se opõem à responsabilização colectiva dos trabalhadores e os submetem a uma passividade forçada, será impossível organizar correctamente os trabalhadores da Saúde. E sem organização dos trabalhadores do Hospital em moldes colectivos e democráticos, será utópico falar-se em transformação revolucionária do Hospital.

COMEÇAR PELA CRIAÇÃO DE ESTRUTURAS DE DIRECÇÃO COLECTIVA

Mas onde estão os trabalhadores do Hospital? Onde é que eles trabalham? Por onde é que vamos iniciar o processo da sua organização se são uma massa anónima passiva? Por onde começar se não há quadros?

Nós respondemos: os trabalhadores do Hospital estão a trabalhar nas Enfermarias, na Maternidade, nos Serviços de Urgência, nos Laboratórios, na Farmácia, na Lavandaria, na Rouparia, na Cozinha, etc. E é lá onde eles trabalham que devem ser prioritariamente organizados. É lá que urge destruir a estrutura colonial, baseada numa direcção individualizada, burocrática e antidemocrática e substituí-la por uma nova estrutura democrática e colectiva, que permita a participação organizada de todos os trabalhadores no estudo e solução dos problemas do Hospital.

Por isso, a partir de hoje, em cada Enfermaria e em cada serviço de base do Hospital, deverá ser criada uma estrutura de direcção colectiva dos trabalhadores. Essa estrutura terá a designação de CONSELHO DE ENFERMARIA, CONSELHO DE LAVANDARIA, CONSELHO DE FARMÁCIA, CONSELHO DE LABORATÓRIO etc., consoante seja criada numa enfermaria, ou na lavandaria, ou na farmácia, ou num laboratório, conforme.

Os pormenores e o modo de funcionamento desta estrutura serão posteriormente transmitidos aos trabalhadores pelas estruturas competentes.

OFENSIVA DE ORGANIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E UNIDADE POLÍTICA

Para isso é necessário que cada um de nós se engaje totalmente nesse trabalho, porque ele vai exigir: ofensiva de mobilização; ofensiva de organização; ofensiva de unir politicamente os trabalhadores do Hospital Central do Maputo.

Conforme foi anteriormente salientado, reina uma grande desmobilização e desorganização política no seio dos trabalhadores do Hospital Central do Maputo.

O Grupo Dinamizador do Hospital é inoperativo, e, a nível das enfermarias e outros serviços, os Grupos Dinamizadores da Célula não funcionam. Vocês serão

recuperados pelo inimigo, porque passam horas, porque passam dias, porque passam meses e anos, sem alimentar a cabeça. A vossa ideologia, lá dentro, vai ficar enferrujada, porque a enxada que não vai à machamba é atacada pela ferrugem. Uma catana que não desbrava enferruja-se. Portanto, uma cabeça que não é alimentada, acontece-lhe o mesmo. E qual é o alimento da cabeça? É a política. Se ficar horas prolongadas sem falar, com a boca fechada, ao abrir a boca, parece que há um mau hálito. É o mesmo que acontece com a cabeça. Por isso, uma pessoa que permanece dias, meses, anos, sem discutir questões políticas, no dia em que abrir a boca, só saem disparates. E assim são recuperados facilmente pelo inimigo. Evitemos ser recuperados pelo inimigo.

Às reuniões gerais de trabalhadores do Hospital convocadas pelo Grupo Dinamizador ou pela Direcção do Hospital, não comparecem normalmente nem 10 por cento dos 1700 trabalhadores do Hospital. Mas convém também dizer que essas discussões devem ter objectivos claros. Quando fazemos uma reunião é preciso sabermos o que queremos com essa reunião.

Por isso é imperioso desencadear uma ofensiva de mobilização política dos trabalhadores do Hospital Central.

Nesse sentido é dissolvido o actual Grupo Dinamizador do Hospital Central do Maputo.

Vai ser constituída uma Comissão, cuja composição será anunciada em breve.

Esta Comissão terá as seguintes atribuições:

a) Proceder à reorganização das estruturas da FRELIMO no Hospital Central e assegurar a direcção política daquele Hospital, até que a nova estrutura do mesmo esteja a funcionar de forma adequada.

b) Orientar, dinamizar e apoiar a *campanha de criação das novas estruturas de direcção colectiva*, a nível de todas as unidades de base do Hospital Central;

c) Mobilizar e organizar os trabalhadores do Hospital Central;

d) Estudar e aplicar medidas concretas, visando o enquadramento político dos camaradas estrangeiros que trabalham no Hospital Central;

e) Estudar e aplicar medidas tendentes a eliminar a ociosidade dos doentes e tornar útil o seu tempo de permanência no Hospital, através da sua integração em actividades produtivas e através da promoção de cursos de educação política e de educação sanitária para os doentes.

REFORÇO E DINAMIZAÇÃO DA UNIDADE POVO-HOSPITAL

INTENSIFICAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS MASSAS NA VIDA DO HOSPITAL

Há uma necessidade de reforçar e dinamizar a unidade Povo-Hospital e ainda intensificar a participação das massas na vida do Hospital. O povo não deve ser estrangeiro ao nosso Hospital.

Por isso dizemos que a actual situação existente no Hospital Central do Maputo impede que esta estrutura sanitária sirva efectivamente o Povo e torna difícil a compreensão por parte das massas populares de que o Hospital é uma estrutura ao serviço do Povo.

Importa pois tomar medidas tendentes a reforçar e dinamizar a unidade Povo-Hospital e estimular a participação popular na vida do Hospital. Nesse sentido:

A Direcção e o Grupo Dinamizador do Hospital Central do Maputo (e também as Direcções e os Grupos Dinamizadores de todos os Hospitais do Maputo) devem reunir periodicamente com todos os Grupos Dinamizadores de bairro da cidade do Maputo.

Nessas reuniões, a Direcção e o Grupo Dinamizador do Hospital devem:

— auscultar e registar todas as críticas e sugestões ao funcionamento do Hospital, apresentadas pelas massas através dos respectivos Grupos Dinamizadores;

— apresentar todos os esclarecimentos e orientações com vista a melhorar a utilização do Hospital Central pelo Povo.

Em cada Enfermaria, devem ser criadas condições para que os doentes, de forma organizada, apresentem críticas e sugestões sobre o funcionamento do Hospital.

Provém de onde a nossa autoridade? Só quando as pessoas têm a máxima confiança em nós é que temos autoridade. Não é quando as pessoas têm medo de nós. O medo cria revolta. Nós tivemos medo do colonialismo durante muito tempo mas finalmente, revoltámo-nos contra o colonialismo. Onde há opressão, onde há estrutura opressiva, há revolta, há luta. Com opressão, não há a direcção centralizada, não existe, portanto, o centralismo democrático. Pois isso, depende da confiança que as pessoas depositam na Direcção.

Assim, quanto mais abertos em relação aos doentes, mais confiança conquistamos, portanto, mais admiração e mais respeito. Virá de lá a nossa autoridade. A autoridade política, antes da autoridade administrativa. E essa autoridade ganha-se através do nosso comportamento. É isso que nos dá força moral. Respondemos assim aos que dizem «Ah, reunir com os doentes? Então eles agora também podem sugerir?» Então eu amanhã não poderei ser um doente, tal como alguns de nós que aqui estão? Quer dizer, porque se está doente fica-se rejeitado da sociedade, já não se pode ter sugestões a fazer?

Por isso em cada Enfermaria, o Conselho de Enfermaria deverá promover *obrigatoriamente* reuniões periódicas com os doentes, pelo menos de quinze em quinze dias. Sabemos que algumas enfermarias já fazem isso, mas são poucas.

A Sede Provincial da FRELIMO, o Grupo Dinami-

zador e a Direcção do Hospital deverão organizar, a partir de agora, visitas periódicas dos trabalhadores do Hospital Central aos diversos Bairros da cidade para ali reunirem e trabalharem com o Povo.

Para cada Bairro deverá ser destacada uma Brigada, ao Sábado ou ao Domingo, e será constituída, em princípio, por um médico ou um estudante de medicina, um enfermeiro, um servente e um estudante de cursos paramédicos. No Bairro essa Brigada deverá:

Participar com as massas em tarefas directamente ligadas à Saúde do Povo, tais como: **CONSTRUÇÃO DE LATRINAS: REMOÇÃO E DESTRUÇÃO DE LIXOS**, etc;

Divulgar aos responsáveis da Saúde e Higiene dos Grupos Dinamizadores, bem como às massas, noções básicas de medicina preventiva, especialmente noções básicas de **EDUCAÇÃO SANITÁRIA**;

Auscultar as massas sobre as críticas e as sugestões em relação ao Hospital Central e prestar esclarecimentos que estiverem ao seu alcance. Todas as contribuições populares feitas nessas reuniões devem ser canalizadas ao Grupo Dinamizador e à Direcção do Hospital, através de relatório escrito.

A Sede Provincial da FRELIMO, o Grupo Dinamizador e a Direcção do Hospital e todos os Grupos Dinamizadores da Cidade do Maputo deverão organizar uma jornada de limpeza ao Hospital Central do Maputo 4 vezes por ano, isto é, de 3 em 3 meses. Nós queremos que o Povo sinta que o Hospital é seu.

A Comissão a ser nomeada e a Direcção do Hospital devem estudar o mais rapidamente possível e tomar medidas urgentes tendentes a melhorar o sistema de recepção e de condução das massas nos sectores de **TRIAGEM, CONSULTAS EXTERNAS E SERVIÇOS DE URGÊNCIA (BANCO DE SOCORROS)**.

*MEDIDAS TENDENTES A EDUCAR
POLITICAMENTE OS TRABALHADORES
A ADMITIR NO SERVIÇO
NACIONAL DE SAÚDE*

É de importância fundamental que os trabalhadores a admitir nos quadros do Serviço Nacional de Saúde, sejam elementos catalizadores do processo de transformação revolucionária dos nossos Hospitais.

Nesse sentido, e para que a presença dos novos trabalhadores, no seio dos Hospitais, se faça sentir de forma positiva, deverão as estruturas da FRELIMO e do Ministério da Saúde criar condições para que todo o pessoal serventuário e da secretaria, a admitir nos Hospitais, frequente um pequeno curso de preparação política, antes do início das suas funções específicas.

Nesses cursos, com a duração de 45 a 60 dias cada um, aos novos trabalhadores deverão ser ministrados conhecimentos sobre a linha política da FRELIMO, nomeadamente no sector da Saúde, e conhecimentos e informações sobre a estrutura onde irão trabalhar. Fundamentalmente, deverão assumir a missão que vão realizar e que é tratar seres humanos.

Vemos o médico, vemos o enfermeiro, mas a base não está criada. Donde vem muitas vezes o enfermeiro? Alguns eram pescadores, e assim vêm directamente do peixe para as pessoas. Era pescador e sabia tratar do peixe e, de repente, está na enfermaria a tratar seres humanos. Outros estavam no talho e, de repente, é admitido no Hospital como servente, passando a carregar pessoas em vez de carregar carne.

Como vamos punir os que cometem erros se nós não os educamos? Nós não lhes transmitimos a responsabilidade de pescador para servente de uma enfermaria, de carregador de carne do talho para carregar doentes, sem nenhum processo. E isso, ainda, com outras profissões.

Um dos objectivos essenciais desses cursos será a criação, nos trabalhadores da Saúde, de uma mentalidade nova — a mentalidade de servir as massas.

Isto são questões políticas. Mas agora temos também questões administrativas. Estamos a falar para pessoas conscientes e não inconscientes e irresponsáveis, pessoas que negam e recusam a transformação.

Temos um outro instrumento: medidas administrativas, tendentes a punir os reaccionários, os sabotadores, os renitentes e os recalcitrantes.

Definimos como se manifestam os reaccionários: aqueles que lançam boatos, aqueles que desmobilizam os trabalhadores, aqueles que sabotam o material do Hospital, aqueles que desmobilizam os trabalhadores, aqueles que são confusionistas, aqueles que são anarquistas, aqueles que são indisciplinados e praticam o liberalismo, são aqueles que fomentam os boatos, intrigas e calúnias contra as estruturas da FRELIMO, contra as estruturas do Governo, contra as medidas que são tomadas pelo Governo, são aqueles que fomentam a corrupção, o liberalismo e, essencialmente, aqueles que utilizam o racismo como ponto forte.

Contra todos estes, nós temos medidas administrativas. Contra aqueles que serviam a PIDE e a OPV e, agora, estão nos Hospitais, para maltratar o nosso Povo. Contra todos os que têm, por tarefa essencial e permanente, denegrir a linha política da FRELIMO; os que desvirtuam o conteúdo revolucionário de nossa linha, os que desvalorizam as conquistas do nosso Povo, os que sempre querem ver fracassos na República Popular de Moçambique. Contra esses, temos medidas, porque nós definimo-los como reaccionários. Hoje não são, nem mais nem menos que os xiconhocas.

A esses, puni-los-emos, porque não os podemos tolerar. É uma violação, um ataque frontal contra a nossa linha, o que eles fazem. E isso não toleraremos. E, a partir de hoje, queremos dizer aos nossos amigos e camaradas

do Serviço de Saúde que desencadeiem uma campanha para neutralizar os boateiros e intriguistas, que fomentam a divisão no nosso seio e instalam uma base do inimigo no Hospital. São aqueles que se sentem ofendidos, porque o Povo moçambicano tomou nas suas mãos o destino do País. Não podemos tolerar que se maltrate os doentes no Hospital, que se seja insensível à dor. Fazer do doente objecto, coisa, atender de maneira rude os doentes, sem delicadeza. Todos vocês estão nos Hospitais porque existem doentes. Por isso, a vossa tarefa é aperfeiçoar os vossos conhecimentos e elevá-los ao nível da ciência.

Foi por isso que convocámos esta reunião, porque as informações que nos chegam são realmente tristes, em relação à nossa linha. É como se não tivéssemos definido os nossos objectivos.

Gostaríamos, ainda, de dizer duas palavras em relação aos estudantes de Medicina, enfermeiros e outras categorias: no hospital vocês estão lá precisamente para aprender a noção das responsabilidades; estão numa cápsula incubadora, numa estufa, porque o desenvolvimento dos Serviços de Saúde depende, essencialmente, da maneira como vocês souberem aproveitar os conhecimentos que no Hospital são ministrados.

Consideramos esses elementos como plantas que estão no Hospital — e o Hospital para nós, é como um viveiro — donde depois serão seleccionadas para melhorar a espécie e a produção: a qualidade do nosso pessoal de Saúde. Por isso, não poderemos tolerar a indisciplina, o liberalismo, a anarquia, a irresponsabilidade, não podemos admitir a anti-higiene. Queremos que o pessoal dos Serviços de Saúde seja melhor para o nosso Povo.

É isto que nós queríamos dizer, e muito obrigado a todos».

A saúde é um **CAPITAL REVOLUCIONÁRIO** que deve ser conservado para servir a luta. Lutar pela saúde das massas populares é uma das preocupações centrais da **FRELIMO**, que se inscreve na perspectiva de servirmos as massas na frente do combate da saúde.

Quando seria natural que as coisas estivessem a correr bem para o nosso povo, depois das nacionalizações, a nível do Hospital Central, nós começámos a ouvir críticas das massas. Quais são essas críticas? No Hospital há pessoal que deliberadamente faz sofrer o povo, quer nas bichas das consultas, quer no Banco de Socorros, quer nas enfermarias;

No Hospital existe desinteresse generalizado pelo doente, como pessoa. O doente é visto e tratado como um objecto e não como um ser humano, dotado de sentimentos;

No Hospital há falta de higiene e de organização;

No Hospital, muitas vezes, os doentes chamam pelo pessoal de Saúde durante horas, sem serem atendidos.

Aceitemos escangalhar as estruturas que mantêm a face colonial do Hospital Central do Maputo. Não se trata de substituições, trata-se sim, de destruir. Por isso, a nossa tarefa central é desmantelar as estruturas coloniais existentes no Hospital Central e criar, em seu lugar, estruturas de tipo novo, de carácter colectivo e democrático.

A partir de hoje, em cada enfermaria e em cada serviço de base do Hospital, deverá ser criada uma estrutura de direcção colectiva dos trabalhadores. Essa estrutura terá designação de **CONSELHO DE ENFERMARIA, CONSELHO DE LAVANDARIA, CONSELHO DE FARMÁCIA, CONSELHO DE LABORATÓRIO**, etc., consoante seja criada numa enfermaria, ou na lavandaria, ou na farmácia, ou num laboratório, conforme.

Há uma necessidade de reforçar e dinamizar a unidade Povo-Hospital e ainda intensificar a participação das massas na vida do Hospital. O povo não deve ser estrangeiro ao nosso Hospital.

A presença de médicos, enfermeiros e outros técnicos estrangeiros no nosso país, constitui uma afirmação clara da solidariedade militante do Movimento Revolucionário Mundial para com a luta do Povo moçambicano dirigido pela **FRELIMO**.

Tiragem 20 000 exemplares
Registado no Instituto Nacional do Livro e do Disco sob o n.º 090/INLD/79
Composto e impresso na Imprensa Nacional
República Popular de Moçambique
MAPUTO
Março de 1980

19.5VMT

1980/1990 - DÉCADA DA VITÓRIA SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO